



“Eu  
Capítulo Treze  
LARIMAR  
já disse a você,” Priest diz em uma voz lenta e comedida, “meus votos me mantêm na linha para mim. Para essa humanidade com a qual você finge se importar.”  
Eu dou a ele meu sorriso mais inocente e me viro para encarar o corredor, o degrau mais alto pressionando minha parte inferior das costas. “E como me foder significa a queda da humanidade?” Eu pergunto, abaixando minhas mãos amarradas para puxar a bainha do meu vestido até que ele suba na minha cintura. Eu abro minhas pernas, certificando-me de que ele tenha uma boa visão da minha boceta nua.  
Um estrondo soa em seu peito, suas sobrancelhas abaixadas enquanto ele olha para mim.  
“É sobre controle,” ele diz com a voz grossa, e eu posso dizer que ele está se esforçando para não olhar entre minhas pernas.  
“Mas me fazer gozar na sua mão não é sobre controle? Ou você gozar entre meus seios?”  
“Cristo, mulher,” ele xinga.  
Eu quase rio. “Quem é blasfemo agora?” Então, coloco minhas mãos em mim. Eu deveria ter vergonha de quão molhada fiquei só de provocá-lo assim. “Tudo bem então. Se você não me der o que eu quero, terei que dar a mim mesmo.”  
Suas narinas se dilatam, o aperto em seu colar deixa seus nós dos dedos brancos. Mas ele não me diz para parar.  
Eu movo meus dedos para baixo, o som da minha umidade incrivelmente alto no silêncio da igreja. É difícil conseguir contato com a forma como minhas mãos estão amarradas, mas é tudo parte do show.